

Professores Ética e a Educação

Profa Msc SELMA LANHELLAS TAVARES

selmalanhellas@gmail.com;

selmalanhellas2@gmail.com;

RESUMO

Professor, Pedagogo e Educação são palavras ligadas por um fio muito forte, entretanto não soberano, mas que formam uma unidade, aqui procuro esclarecer os laços e vínculos, com relação ao professor, que é visto sim, como aquele que professa e que tem a capacidade de disseminar conhecimentos e, ao mesmo tempo ser o vilão da educação, sendo até mesmo discriminado dentre seus pares e principalmente dentro da sociedade que estigma a profissão, sem valorizar no mínimo, os princípios éticos, que foi percebido entre os acadêmicos de Pedagogia, ao ministrarmos a disciplina Pedagogia em Ambientes não Escolares para o Plano de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) Universidade Federal do Para, UFPA/Bragança, em suas falas e inquietudes, quando da discussão sobre a valorização do professor.

Palavras-chave: professor, educação, ética, pedagogo.

BELÉM

2017

Desde a criação do mundo sempre houve o aprendizado, embora visto de forma não formal, ou até mesmo nem visto, pois é público e notório que aprendemos uns com os outros, a não importa se aprendemos para o bem ou para o mal, no sentido de aprendizagem, os valores éticos e morais são o que nos fazem distinguir. Ao se concretizar de seus erros, e seus acertos, o homem foi modernizando o mundo, alicerçando-se no seu conhecimento empírico,

como também na era da comunicação tecnológica desse mundo contemporâneo, sem nos esquecermos da comunicação tradicional, ou a comunicação oral, sabe-se, que a primeira manifestação de voz da humanidade, encontra-se registro na Bíblia Sagrada, onde Deus disse “que se faça a luz”, e a luz passou a existir, então já era a comunicação formal, dando vida a tradição, tradição de modo geral que penso não deva-se despir completamente, dentro dessas práticas na profissão chamada professor.

O conceito de profissionalidade pode ser refletido no professor sobre sua própria experiência “O professor forma a si mesmo mais do que é formado” (Nóvoa 1994),” aprende na ação e refletindo sobre ela” (Gomez 1992), então suas ações têm implicações decisivas na formação de profissionais, não só da educação, mas de profissionais que para chegar a algum lugar necessitam ser escolarizados, entretanto a valorização do professor está cada dia mais distante, muito se fala, discursos intensos e extensos estão no dia a dia, entretanto em ações concretas deixa muito a desejar, primeiramente por conta de que o professor sempre foi estigmatizado, pois desde séculos ,para ser professor, bastava ter apenas vocação, logo depois apenas o magistério básico, enquanto que para outras profissões (Médicos, Engenheiros, Advogados etc...)era necessário o nível superior. Por outro lado, surge na mulher o sonho da independência financeira, juntamente com o desejo de se profissionalizar, porém havia a discriminação, e já que ela queria uma profissão, por que então não ser uma professora normalista, reduzindo-se aos espaços formais escolarizados.

Hoje percebemos que não podemos reduzir a formação profissional a espaços formais e escolarizados, organizados com esse fim, é necessário uma reflexão, acerca do Professor, o que ensina, o que busca dar o todo de si comprometido com a sociedade, precisamos refletir principalmente como nós professores nos vemos, pois tenho observado que sempre que se reúnem oficialmente, quase nunca ouvimos palavras reconhecedoras para esse gigante chamado professor, muito ao contrário, os próprios professores buscam contar fatos, que acabam por inferiorizar diminuindo a classe, enquanto que temos uma infinidade de professores que servem ou deveriam servir de espelhos para reflexões no mínimo filosóficas, pois todo professor quer alunos interessados, já que é no aluno que está o foco; neste sentido, seleciona conteúdos que façam sentido e sejam desafiadores, porém, existem outros que quando assistem o colega quebrando paradigmas e buscando novas metodologias se sentem intimidados e procuram denegrir o trabalho do outro, aí pergunto onde foi parar a ética? Então de acordo com Johann Jorge (2009) ” Antes de avançarmos na busca da aproximação entre educação e ética no campo educativo, faz-se necessário clarificar a compreensão dos termos ética e moral, pois muitas vezes eles são empregados como sinônimos”

Para esclarecer mais esta questão da ética e da moral, Imbert (Apud Johann) propõe uma distinção entre a regra e a lei:

A regra é o princípio básico dos hábitos e da formalização. Através dela se fabrica um sujeito-objeto, controlado e submisso. A Lei, ao contrário, permite ao homem viver de forma singular, ordenada e coordenada com seu Eu autônomo e livre. A regra é produto da moral. A lei é produto da ética. O Projeto ético tem como objetivo cortar as amarras que prendem o sujeito ao jugo opressivo. (2014, p. 35)

Então nos professores por que não darmos as mãos, estendermos os braços para um abraço apertado de compartilhamento de valores e não simplesmente de negativas, elevando o Professor ao patamar que ele merece, ao de formador de opiniões e questionamentos, tanto no âmbito escolar como na sociedade.

De acordo com Freire:

Como professor preciso me mover com clareza na minha prática, preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho. (2014, p. 67)

Nesse sentido, mais do que uma boa prática, o processo de formação de professores precisa compreender a subjetividade do que pressupõe a formação inicial e continuada, e levar seus licenciados a compreenderem que também são sujeitos históricos, marcados por determinantes sociais, econômicos, culturais, políticos, emocionais e que seu processo de apreender é também reflexo desses determinantes.

Sabemos que é por meio do registro humano que se constrói e reconstrói a história, uma análise da trajetória do professor desde o tempo de Johann F. Herbart, na escola tradicional, onde sua proposta pedagógica se fundamentava na ciência e especialmente na psicologia e que a educação se constrói sobre o “espírito” e não sobre os sentimentos transitórios, pois segundo ele, a ação pedagógica se orienta por três procedimentos “ a ação pedagógica, a instrução e a disciplina” e que a principal função da educação em uma sociedade é a aquisição de ideias por parte dos alunos, então: “Concepção do Professor: O professor devia ser extremamente carismático, possuir uma personalidade adequada para gerar o interesse pela aprendizagem, considerava o educador tão essencial que o definia como um “artista” que tem como missão educar o “ser íntimo” da criança”.

Hoje buscamos uma pedagogia moderna e liberatória e nada de dominante “pois” segundo Freire (2012) a Pedagogia dominante é fundamentada em uma concepção bancária de educação, e não é isso que hoje professamos, pois nos modernizamos, através de formação processual e continuada, galgando degraus de Especialistas, Mestre e Doutores que é praticamente exigido por nós mesmos, a fim de darmos o melhor para nossos

educandos, embora o reconhecimento do professor ainda seja desejável, o que se encontra com mais amiúde, é um olhar negativo, é desse olhar de desvalorização que precisamos desnudar-nos para que, o descortinar traga ao lume a valorização do profissional da educação.

Ainda com relação da concepção do aluno: parte do pressuposto que os “espíritos” humanos, são tabulas rasas, sem qualquer conteúdo, o qual deve ser adquirido através do processo de ensino”. Ora sabemos que tudo não passa de pedagogia tradicional, e que a criança já traz consigo toda uma história de suas vivências, de sua família, experiência desde a mais tenra idade, pois sua interação na comunidade é um elo com o mundo que é compartilhado principalmente dentro da escola.

Assim, Arendt (2007), apud Johann:

É na procura de uma construção social realizada através de uma prática educativa que se ilumine pelos princípios éticos. Esta reflexão esbara num permanente desafio de conciliação e legados culturais que nos advêm dos que nos antecederam e a necessidade de responder eticamente as exigências do mundo que avança marcado por diferenças de toda ordem. (2009, p. 87)

A complexidade das novas questões que exigem respostas adequadas a um novo tempo, caracterizado pela perda de pontos de referência éticos, joga homens e mulheres (aqui professores) num mar de dúvidas e incertezas. De pouco adiantaria assumir-se uma postura saudosista e anacrônica, apelando-se para supostos valores que vigoraram no passado. São muitos que afirmam repetidamente que bom e certo era o que se viveu antigamente e que hoje o mundo está perdido. É preciso conciliar os valores que herdamos com as suas necessárias reinterpretações à luz das novas realidades que se apresentam, sem sucumbir em posturas marcadas pelo relativismo, fatalismo ou ceticismo. E quando falamos em relativismo, fatalismo ou ceticismo, vem à flor da pele - A qualidade da Educação é proporcional à qualificação dos Professores, se de onde vêm as indagações acerca do assunto, será que vem também as soluções? Por onde andam as Políticas Públicas? Onde estão sendo feitos os investimentos? É ético mencionarmos os desvios, será que esta abordagem não se faz necessário em conjunto com a comunidade? Uma vez que a família é parte do contexto social, juntamente com o professor, aluno, escola, seno essa a tríplice aliança, onde também busca apontar, alguém ou quem, é nesse contexto como causador do fracasso escolar, a investigação não seria mais adiante em outras esferas também, isto sem contar manchetes diárias que apontam e até discutem a falta de formação e capacidade de professores, como se todos fossem mais que mais, ou ainda em condições de julgar procedimentos pedagógicos ou didáticos; ora é fácil discutir algo sem embasamento, nós professores precisamos nos reabilitar entre nós dentro de uma relação de respeito e admiração mútuos pelos trabalhos e pelas pesquisas

sobre questões que impactam no ambiente escolar, precisamos melhorar nossas relações intra e interpessoais, nosso desenvolvimento moral e ético, pois precisamos nos complementar e, não nos debatermos em dilemas como respeito e justiça, pois Freire 2016, pag. 52 afirma “não há saber maior ou saber menor, há saberes diferentes,” e, para tanto precisamos principalmente descortinar novas práticas, pois somos capazes, buscando interfaces, quebrando paradigmas para uma reconstrução dentro da educação e da sociedade.

Assim, precisamos também percorrer a história de formação no curso de Pedagogia, pois parece haver uma busca quanto afirmação profissional.

Segundo José Carlos Libâneo (1991) “a primeira regulamentação do curso de Pedagogia no Brasil, foi em 1939, que previa a formação de bacharel em Pedagogia, conhecido como técnico em educação”, a legislação posterior à de 1939, em atendimento a Lei 4.024/61 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), mantém o curso de bacharelado para formação de pedagogo. Surge a LDB 5692/71 que regulamenta a profissão de Pedagogo e, nela a possibilidade de uma formação ampliada com especializações. Em continuidade a esta regulamentação surge uma nova que descaracteriza a distinção entre bacharelado e licenciatura, mas mantém a formação de especialista nas várias habilitações.

Ainda hoje, há instituições de ensino superior que mantêm o curso de pedagogia com as características do Parecer CFE 252/69.

Libâneo (1991) ao tratar desse tema tece considerações sobre o reducionismo presentes até mesmo nas experiências consideradas inovadoras, pois não resistem a uma análise teórica mais apuradas esses reducionismos, prejudicam também a qualidade da oferta das disciplinas nas demais licenciaturas.

O esfacelamento dos estudos no âmbito da ciência com a consequente subjunção do especialista no docente, e a impropriedade identificação dos estudos pedagógicos a uma licenciatura, talvez sejam dois dos mais expressivos equívocos teóricos e operacionais da legislação e do que se refere a formação do pedagogo”. (Libâneo,1991, pg.115).

Então podemos dizer que uma nova concepção curricular se configura, e que o educador/professor busque novas formas educativas, deixando de lado os conceitos e preconceitos, aperfeiçoando-se constantemente, contribuindo para novos caminhos do futuro profissional, e, em contrapartida que essa concepção encontre unanimidade entre educadores, que garanta articulação e mecanismo dentro encontro de professores, princípios éticos que não discriminem, e sim valorizem a classe, buscando mais políticas públicas com princípios democráticos, rompendo caráter individualista, e meramente

reprodutores de ideologias dominantes, a fim de que diálogos sustentáveis sejam condutores de carinho, compreensão e principalmente de respeito nessa profissão humanista e poderosa, questionadora sim, mas também formadora de opinião, que se chama Professor.

REFERENCIAS.

Brasil. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais** para o curso de Pedagogia, 2006.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia Saberes Necessários à Prática educativa;**

JOHANN, Jorge Renato, **Educação & Ética, em busca de uma aproximação**, ed. PUCRS. 2009.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê.** Edição 8. Ed. São Paulo: Cortes, 2002.

LOCKE & LIBÂNEO, **Ensaio acerca do entendimento**. Edição 23. São Paulo, Cortez Editora, 2005.

SAGRADA, Bíblia; **Sociedade Bíblica do Brasil**. 1998.